

LÍNGUA POMERANA E MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA EM AMBIENTES DIGITAIS: PÁGINAS DO **FACEBOOK** COMO “ESPAÇOS DE RESPIRO”

POMERANIAN LANGUAGE AND RESISTANCE MOVEMENTS IN DIGITAL SPACES: FACEBOOK PAGES AS “BREATHING SPACES”

Leticia Mazzelli¹

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões desenvolvidas a partir de dados provenientes de Tese de Doutorado (Mazzelli, 2022) defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. Tem como objetivo apresentar reflexões sobre os movimentos de resistência da comunidade pomerana em ambientes digitais com base nos estudos de Belmar e Glass (2019). A pesquisa segue abordagem qualitativa e de base etnográfica em ambientes digitais (Hine, 2015; Barton, 2013; Fragoso; Recuero; Amaral, 2011), mais precisamente em 33 páginas da rede social *Facebook* ligadas à causa pomerana. Os resultados apontam que as páginas do *Facebook* analisadas podem ser caracterizadas como “espaços de respiro”, pois encorajam o uso da língua pomerana, de forma explícita e/ou implícita.

PALAVRAS-CHAVE: Língua pomerana. Ambientes digitais. Espaços de respiro.

ABSTRACT

This study presents reflections developed from the collected data for the doctoral thesis (Mazzelli, 2022) defended in the Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. It aims to present reflections on the resistance movements of the Pomeranian community in digital spaces based on the studies by Belmar and Glass (2019). The research follows a qualitative and ethnographic approach in digital spaces (Hine, 2015; Barton, 2013; Fragoso; Recuero; Amaral, 2011), more precisely in 33 pages of the social network *Facebook* linked to the Pomeranian cause. The results indicate that the analyzed *Facebook* pages can be characterized as “breathing spaces”, as they encourage the use of the Pomeranian language, explicitly and/or implicitly.

KEYWORDS: Pomeranian language. Digital spaces. Breathing spaces.

1. Introdução

Na segunda metade do século XIX, imigrantes germânicos provenientes da Pomerânia, uma antiga província do reino da Prússia, situada na região onde hoje é o nordeste da Alemanha e noroeste da Polônia, chegam ao Brasil e mantêm em uso sua língua de base germânica (Mazzelli, 2022), a língua pomerana. De acordo com Hitz (2017), o pomerano é hoje falado em pelo menos seis estados: Espírito Santo (ES), Minas Gerais (MG), Paraná (PR), Santa Catarina (SC), Rio Grande do Sul (RS) e Rondônia (RO). Classificada na categoria “língua de imigração” pelo Inventário Nacional de

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), lmazzelli@id.uff.br, <https://orcid.org/0000-0001-8515-3513>.

Língua pomerana e movimentos de resistência em ambientes digitais: páginas do Facebook como “espaços de respiro”

Diversidade Linguística (INDL)² e caracterizada por Savedra e Mazzelli (2017) como língua (neo) autóctone brasileira, devido ao tempo em que se encontra presente no Brasil, a língua pomerana enfrenta hoje uma situação de minorização em contexto brasileiro.

Quando dizemos que uma língua está em situação de minorização, estamos nos referindo “aos idiomas que não dispõem dos equipamentos a serviço das línguas hegemônicas; ou bem às situações em que uma língua se encontra a margem das estruturas de poder” (Lagares, 2018, p. 121). Isto é, quando uma língua é minorizada, ou está em uma situação de minorização, é necessário empreender grandes esforços para promover sua vitalidade e manutenção. Cabe ressaltar que a ideia de línguas minorizadas pressupõe a existência de línguas hegemônicas, cujo uso está amparado pelas estruturas de poder. Entendemos neste trabalho o conceito de “hegemonia” a partir de Gramsci, que, em breves palavras, refere-se à direção político-ideológica apoiada no consenso da dominação fundada na coerção (Gramsci, 2011). Essa compreensão implica um consenso de que as estruturas ligadas ao poder são tomadas como “normais” e “naturais”. Em relação à questão linguística, observamos que as línguas hegemônicas são entendidas historicamente como “legítimas” e em contextos de contato linguístico, as estruturas de poder ligadas a essas línguas podem exercer forças dominantes no uso de línguas minorizadas.

Diversas situações de opressão e preconceito linguísticos podem ser observadas desde quando imigrantes pomeranos se afixaram em território brasileiro, até hoje, no momento em que a língua pomerana é falada por comunidades minoritárias em diferentes regiões do país. A imposição da língua portuguesa, língua hegemônica nacional, e a perseguição de falantes de línguas de imigrantes promovidas pela Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas (1937-1945) e pela Ditadura civil-militar (1964 - 1985) são exemplos das situações de opressão que resultaram em forte preconceito linguístico vivido pela comunidade que se identifica como pomerana.

Além da língua portuguesa, dentro do contexto das comunidades pomeranas, a língua alemã também pode ser caracterizada como uma “língua hegemônica”. Em estudos sobre comunidades pomeranas do ES, Mazzelli (2022, 2018), Bahia (2011) e Tressmann (2004) destacam situações em que a língua alemã é associada a contextos de prestígio, enquanto a língua pomerana é ligada a contextos de minorização. Como exemplo, até meados do século XX, a educação formal e religiosa das crianças era feita em língua alemã pelas escolas paroquiais. À época, não havia propostas de escritas amplamente difundidas da língua pomerana, o que reforçava a situação de minorização da língua, associada a contextos predominantemente rurais e informais.

Nesse ínterim, diferentes movimentos de resistência linguística foram sendo desenvolvidos pelos falantes de pomerano. A partir da década de 1980, uma série de movimentações populares surgiu com o intuito de valorizar elementos linguístico-identitários pomeranos e resistir ao contexto de minorização no qual a língua está inserida. Essas manifestações são consideradas por Küster

² O Decreto nº 7.387 de 9 de dezembro de 2010 (Brasil, 2010) implementa o INDL, em que as minorias linguísticas presentes no Brasil foram institucionalmente reconhecidas em âmbito nacional.

(2015, p. 60) como fenômenos de “reavivamento da língua e cultura pomeranas”, dentre as quais destacamos: a criação no estado do ES o projeto político-pedagógico Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo), que institui o ensino da língua pomerana em escolas municipais nas regiões em que a língua pomerana é falada e a elaboração de uma proposta de escrita da língua pomerana por Ismael Tressmann (2006), usada atualmente em escolas em que o pomerano é ensinado, assim como em publicações em pomerano.

Mais recentemente, ações que buscam a valorização e salvaguarda da língua pomerana são implementadas em diferentes localidades. Políticas linguísticas públicas como os processos de cooficialização, concretizados por oito municípios brasileiros³ e o Inventário da Língua Pomerana (ILP), realizado no âmbito do INDL, são exemplos de ações que vêm sendo conduzidas pelo Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento em Políticas Linguísticas (IPOL), a comunidade pomerana e pesquisadores de diferentes universidades públicas brasileiras. O ILP é o resultado de um processo que buscou inventariar e mapear a língua pomerana nas localidades onde é falada no Brasil. Ainda no âmbito do INDL, no ano de 2022 foi lançado o Vocabulário de Línguas Brasileiras – Pomerano (VOLB-Pomer)⁴, um banco *online* interativo de palavras gravadas em pomerano.

No entanto, estratégias para manter a língua pomerana hoje em uso não estão restritas ao campo das políticas linguísticas públicas. Falantes de pomerano utilizam a internet para criar e gerenciar espaços interacionais nos quais a língua vem sendo usada nas modalidades oral e escrita, além de ser tema de debate da própria comunidade. Exemplos desses espaços são hoje canais do *YouTube*, páginas do *Facebook* e *Instagram*, além de grupos de *WhatsApp*.

Devido à condição de minorização da língua pomerana em contexto brasileiro, entendemos que a criação desses espaços em ambientes digitais são movimentos de resistência, pois o fato de “manter em uso uma língua minorizada em ambientes digitais, tomados por línguas hegemônicas, torna-se uma ferramenta de luta contra o contexto de opressão no qual a língua está inserida” (Mazzelli, 2022, p. 21).

Este artigo se desenvolveu a partir de discussões iniciadas na Tese de Doutorado (Mazzelli, 2022) defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo apresentar reflexões sobre os movimentos de resistência da comunidade pomerana em ambientes digitais. Para isso, apresentamos, inicialmente, a partir de um resumido percurso sócio-histórico da língua pomerana no Brasil, momentos críticos de repressão linguística sofridos pela comunidade pomerana que culminaram em preconceito e violação de direitos linguísticos. Posteriormente, discutimos sobre a presença de línguas minoritárias⁵ e/ou minorizadas em ambientes digitais com base em estudos de Belmar e Glass (2019). Os referidos autores desenvolvem

³ Segundo dados do IPOL (2022), a língua pomerana é cooficializada em: Domingos Martins (ES), Santa Maria de Jetibá (ES), Pancas (ES), Laranja da Terra (ES), Vila Pavão (ES), Itarana (ES), Canguçu (RS) e Pomerode (SC). Há ainda dois processos em andamento para a cooficialização do pomerano nos municípios de São Lourenço do Sul (RS) e Espigão do Oeste (RO).

⁴ Disponível em: <https://volbp.paveisistemas.com.br/tabs/tab3>. Acesso em: 30 jun. 2023.

⁵ O termo “língua minoritária” é empregado quanto à perspectiva numérica de falantes em referência ao restante da população de um Estado (Bagno, 2017).

Língua pomerana e movimentos de resistência em ambientes digitais: páginas do Facebook como “espaços de respiro”

a ideia de que comunidades virtuais, constituídas por grupos falantes de línguas minorizadas, podem funcionar como “espaços de respiro” (Fishman, 1991), isto é, espaços em que os falantes de são motivados a falar em/de suas línguas. Em seguida, analisamos dados provenientes de 33 páginas do *Facebook* dedicadas à causa pomerana publicados em Mazzelli (2022) à luz dos estudos de Belmar e Glass (2019). Por fim, discorremos sobre os movimentos de resistência em prol da língua pomerana em ambientes digitais.

2. Repressão linguística

A partir da década de 1850, com a intensa propaganda da política de imigração do governo brasileiro, imigrantes provenientes de diversas partes da Europa, dentre elas a Pomerânia, eram atraídos para o Brasil com promessas de terras e de emprego. Para as elites brasileiras, a vinda de europeus poderia solucionar o que para eles eram “problemas” inerentes ao Brasil. Assim, os imigrantes europeus poderiam ocupar espaços pertencentes aos povos indígenas, povoar territórios inóspitos e distantes de centros urbanos, solucionar a questão da “escassez de mão de obra” que o iminente fim da escravidão iria ocasionar⁶, além de, a partir de um ideal racista e eugenista “branquear” a população brasileira (Skidmore, 1997), formada em sua maioria por pessoas negras.

Os imigrantes pomeranos, motivados com as promessas do governo imperial brasileiro, se estabeleceram inicialmente em estados da região Sul e Sudeste e enfrentaram diferentes adversidades em território brasileiro: as terras recebidas eram em locais isolados e de difícil acesso, não havia escolas para as crianças e a saúde era precária, assim como descrito por Wageman (1915) em seus relatos históricos acerca da situação encontrada no ES. Em decorrência da ausência do governo brasileiro em relação à educação, por exemplo, Kreutz (2000) aponta que as colônias de imigrantes fundavam e mantinham escolas comunitárias em que o ensino escolar ocorria concomitantemente ao ensino religioso. Essa forma de ensino era realizada nas colônias pomeranas por pastores luteranos em língua alemã (Foerste, 2016) facilitando a ocorrência de bilinguismo pomerano/alemão nas comunidades, além de promover o prestígio social da língua alemã – língua da igreja e da educação formal – em detrimento da língua pomerana – então língua ágrafa, ligada ao trabalho no campo, família e contextos informais – (Mazzelli, 2022; Bahia, 2011; Tressmann, 2006).

Com a dissolução do Império Brasileiro e a instauração da República em 1889, ocorrem mudanças na organização política, social e econômica do Brasil. No entanto, o descaso do governo em relação à educação em território brasileiro permanecia, se estendendo às colônias de imigrantes, localizadas essencialmente em zonas rurais. De maneira geral, o descaso com a educação formal do governo foi

⁶ É importante destacar as reflexões de Seyferth (2002) sobre os ideais racistas da época que naturalizam a imigração europeia e o trabalho livre no debate da colonização, reservando um papel à margem à população negra. Para a autora, esse discurso racista tem o propósito de fomentar a falsa ideia de que as populações negras eram inaptas para o trabalho livre na condição de pequenos proprietários rurais, o que justificaria a imigração europeia e acrescenta: “No pensamento imigrantista do século XIX a escravidão não é percebida como um regime imoral ou ilegítimo, mas simplesmente adjetivada por seu caráter arcaizante, um modelo econômico retrógrado e impeditivo de imigração porque produz uma imagem negativa do país na Europa.” (Seyferth, 2002, p. 120).

um dos fatores que levou à manutenção das línguas pomerana e alemã nas colônias germânicas, pois, até então, não havia grande influência da língua portuguesa nessas regiões. (Mazzelli, 2019).

No início do século XX, o ambiente linguístico que se desenhava favorável à manutenção das línguas de imigração passa a sofrer tensões provocadas pelas primeiras ações nacionalizadoras promovidas pelo governo brasileiro. Seyferth (1999) destaca que durante os anos de 1917 a 1919 ocorrem as primeiras intervenções formais do Estado brasileiro nas escolas de imigrantes, principalmente nas escolas então chamadas de “alemãs”.

Nessa ocasião, surgiram as primeiras ações nacionalizantes que modificaram os currículos escolares, como a demanda por ensino bilíngue e a introdução de história e geografia do Brasil, além da língua portuguesa. (Seyferth, 1999, p. 199)

Já em 1930, com o crescimento de fortes ideais nacionalistas, Getúlio Vargas assume o Governo Provisório (1930-1934), anunciando o programa de reestruturação nacional. Posteriormente, em 1937, deflagra o Estado Novo, e agora, com amplos poderes, promove reformas políticas, econômicas e educacionais com o objetivo de “fortalecer a unidade nacional brasileira”. A partir desse momento, ações de repressão a movimento vistos pelo governo como “alheios à identidade brasileira” são intensificadas.

Durante o Estado Novo, a identidade nacional brasileira era vinculada a um ideal hegemônico. Assim, as colônias de imigrantes e seus descendentes representavam um “problema” a ser combatido e eliminado. Nesse ínterim, a Campanha de Nacionalização (1937-1945) é instituída, correspondendo a uma série de ações nacionalizadoras as quais pretendiam controlar e integrar de maneira forçada e violenta os imigrantes e seus descendentes à comunidade brasileira. Nos momentos iniciais da Campanha de Nacionalização, a ideia era suprimir qualquer movimentação que fugisse à ideia de “pátria brasileira”, o que incluía as escolas de imigrantes. Um exemplo dessas ações pode ser visto quando Vargas ordenou que os materiais escolares fossem todos em português e que as escolas fossem sempre regidas por brasileiros natos. Em zonas rurais, contexto no qual as comunidades pomeranas estavam inseridas, não era permitida a publicação de materiais como livros e jornais em idiomas estrangeiros sem a prévia permissão do Conselho de Imigração e Colonização.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o cenário de perseguição e oposição aos imigrantes e seus descendentes se intensificou, principalmente os de origem germânica (Seyferth, 1999). No ES “as colônias germânicas de Domingos Martins, por exemplo, foram proibidas de realizar qualquer manifestação cultural que remetesse à Alemanha e membros da Igreja Luterana foram expressamente proibidos de usar o alemão” (Mazzelli, 2022, p. 51). Já em contexto relacionado ao estado do RS, Limberger *et al.* (2021, p. 6) afirmam que até a Campanha de Nacionalização a língua pomerana era mantida nas comunidades quase intacta, posteriormente houve um decréscimo de falantes, aumento do uso do português e negação de direitos linguísticos.

Diversos autores (Detmman, 2020; Mazzelli, 2018; Bremenkamp, 2014; Seibel, 2010; Tressman, 2005) já desenvolveram reflexões acerca das violentas ações contra os imigrantes provocadas

Língua pomerana e movimentos de resistência em ambientes digitais: páginas do Facebook como “espaços de respiro”

pela Campanha de Nacionalização e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. De acordo com essas reflexões, esses momentos críticos na História foram responsáveis pelo surgimento de acentuado preconceito linguístico contra os imigrantes europeus e seus descendentes, acarretando na diminuição da transmissão das línguas de imigração a partir desse período.

Outro momento conturbado para a manutenção de línguas de imigrantes em contexto brasileiro ocorreu durante a Ditadura Civil-Militar (1964 - 1985). Mais uma vez, assim como durante o governo de Getúlio Vargas, movimentos de proibição das línguas “estrangeiras” tomavam força, pois iam contra os pressupostos nacionais do militarismo à época. Com isso, são implementadas novas medidas de repressão aos indivíduos que se manifestavam culturalmente diferente do “ideário brasileiro”, pois representavam “ameaça à segurança nacional”.

Para Morello (2012), a ideia do Estado de vincular a identidade nacional brasileira à língua portuguesa, a partir de uma noção hegemônica, reforçaria a desqualificação das outras representações identitárias baseadas em outras línguas. Assim, essas ações propiciavam situações em que os falantes de línguas de imigrantes fossem marginalizados, tornando as línguas que em contexto brasileiro eram minoritárias, também em línguas minorizadas.

3. Línguas minorizadas em ambientes digitais: “espaços de respiro”

Diferentes tecnologias que funcionam por meio de acesso à internet, como aplicativos de troca de mensagens e redes sociais, fornecem hoje diferentes recursos que impactam diretamente na comunicação diária, assim como no uso linguístico. No que diz respeito ao impacto dessas tecnologias sobre o uso de uma língua minoritária e/ou minorizada, concordamos com Crystal (2015) ao dizer que as consequências da internet, sobretudo para línguas minoritárias e/ou minorizadas, são revolucionárias. A criação de espaços que ampliam e possibilitam o acesso ao debate democrático acerca da língua minoritária/minorizada, assim como a produção e o compartilhamento de materiais digitais produzidos pelos falantes da língua em questão, são apenas alguns exemplos de estratégias que podem favorecer a manutenção e a revitalização dessas línguas em contextos digitais.

Em *Virtual communities as breathing spaces for minority languages: Re-framing minority language use in social media*, Guillem Belmar e Maggie Glass (2019) ressaltam que impulsionar a presença de uma língua *online* é hoje um dos primeiros passos de empoderamento de uma minoria linguística. Os autores citam que os recursos disponibilizados por ambientes digitais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *WhatsApp* são as ferramentas adequadas para isso.

Para Belmar e Glass (2019), as interações propiciadas por esses ambientes permitem que falantes de minorias linguísticas criem os seus próprios espaços de comunicação e interação sem a necessidade de mediação e/ou financiamento por parte do governo. É interessante ressaltar que nem sempre as esferas governamentais têm interesse de promover o plurilinguismo em suas áreas de atuação. Muitas vezes, instâncias governamentais estão alinhadas com ideais monoglóssicos e promovem a língua de maior poder, em detrimento das minorias linguísticas. Sendo assim, esses ambientes poderiam

propiciar iniciativas espontâneas da própria comunidade de falantes, não havendo a necessidade de esperar uma solução institucional para promover a salvaguarda de uma determinada língua.

Além de promover o empoderamento de falantes, Belmar e Glass (2019) destacam que os ambientes digitais possibilitam a transposição de fronteiras temporais e geográficas em relação às interações sociais. Assim, falantes de minorias linguísticas são capazes de interagir e manifestar-se *online* independentemente de sua localização no momento, estabelecendo, portanto, vínculos linguístico-identitários com outros falantes geograficamente distantes e/ou em diferentes momentos.

Ao elencar características de práticas comuns aos ambientes *online*, Belmar e Glass salientam a prática de *translanguaging* (translinguagem/translinguar), a qual se referem como uma prática languageira, em que as fronteiras de códigos linguísticos utilizados pelos indivíduos são indefinidas. Os autores entendem a translinguagem como uma prática híbrida de linguagem. De acordo com Blommaert (2019), é notório que a comunicação em ambientes digitais é composta por acentuado translinguismo. No entanto, se há translingualismo, há um fato importante mencionado por Kuzmin (2020): em ambientes digitais, as línguas majoritárias tendem a se sobrepor às línguas minoritárias e/ou minorizadas devido à tendência de terem mais tecnologias linguísticas a seu dispor nesses espaços. Como exemplo, o autor cita, dicionários, ou tradutores *online*. Além disso, essas línguas estão geralmente vinculadas às atitudes linguísticas mais positivas devido à pressão exercida pelo prestígio social ligado às línguas maior poder. Sobre essa questão, Belmar e Glass (2019) afirmam que existe uma tendência de falantes de línguas minoritárias e/ou minorizadas preferirem utilizar línguas majoritárias nesses ambientes, o que acende um alerta para a criação de estratégias de promoção do uso de línguas em situação de minorização em ambientes digitais. Os autores afirmam que o uso de uma língua dominante em um ambiente digital poderia ser explicado como uma estratégia de audiência, pois a informação na língua minoritária não atingiria o mesmo número de falantes que a língua majoritária. (Belmar; Glass, 2019, p. 9).

Posto que há intensa prática translúgue em ambientes digitais, embora as línguas majoritárias e as de maior prestígio social encontrem mais viabilidades de serem utilizadas do que as minoritárias e/ou minorizadas, Belmar e Glass (2019) utilizam o conceito de *breathing spaces* (espaços de respiro) de Fishman (1991) para desenvolverem a ideia de que comunidades virtuais, constituídas por grupos de falantes de línguas minoritárias dentro de ambientes digitais, podem funcionar como “espaços de respiro” para línguas minorizadas. Um “espaço de respiro” é caracterizado pelos autores como um local – físico ou não – em que línguas em situação de minorização podem ser livremente usadas, sem a “ameaça” de línguas majoritárias.

Belmar e Glass (2019, p. 14) caracterizam alguns pontos que podem ser elencados ao definir uma comunidade virtual como um “espaço de respiro”:

- a) A língua minoritária é a única língua usada na comunidade;

Língua pomerana e movimentos de resistência em ambientes digitais: páginas do Facebook como “espaços de respiro”

- b) A língua minoritária é a língua preferida da comunidade, embora o uso de outras línguas seja aceito, esse é frequentemente o caso de comunidades virtuais de aprendizes da língua minorizada em que a língua dominante é usada;
- c) A língua minoritária (seu contexto sociolinguístico, gramática, léxico etc.) é tema de discussão, especialmente se essas discussões ocorrem na língua minoritária;
- d) O *status* da língua minoritária como língua (em vez de dialeto) não é contestado.

Embora apontem esses pontos para caracterizar uma comunidade “virtual” como um “espaço de respiro”, Belmar e Glass afirmam que é necessário conduzir uma análise prévia da condição sociolinguística da língua:

[...] É preciso entender que o que constitui um “espaço de respiro” varia em função da situação sociolinguística da língua e do perfil do falante. Para um falante fluente de uma língua com relativa vitalidade, como o galês, por exemplo, um grupo do *Facebook* discutindo características gramaticais do galês por meio do inglês pode não ser um espaço de respiro, enquanto um grupo com uma política linguística de “somente galês” pode. E ainda, um grupo de língua italiana discutindo o grecocalabrês como o grupo do *Facebook* chamado *To ddomadi greko - La settimana greka* - pode muito bem servir como um espaço para jovens falantes que estão aprendendo a língua. (Belmar; Glass, 2019, p. 14, tradução nossa)⁷

Posteriormente, Belmar e Glass (2019) discutem alguns pontos da caracterização de uma comunidade virtual como um “espaço de respiro”. Sobre o ponto a), os autores afirmam que a partir de seus estudos, não há um expressivo número de comunidades virtuais nas quais a língua minoritária é especificamente a única língua em uso. No entanto, há espaços com políticas linguísticas explícitas indicando que a língua minoritária é a única permitida em postagens naquele ambiente. Mencionam ainda a existência de comunidades que não apresentam sequer uma política linguística de uso, e com características muito distintas entre si. Ainda assim, os autores mencionam certas características em comum dessas comunidades, como a preferência por tópicos de discussão relacionados com a língua, tais como: vocabulário, políticas linguísticas ou estratégias de manutenção e revitalização.

Belmar e Glass (2019), por fim, apontam que comunidades virtuais podem ser entendidas como “espaços de respiro” para falantes de línguas minoritárias quando elas encorajam o uso da língua, seja de forma explícita ou implícita. Dessa forma, entendemos a partir dos estudos de Belmar e Glass (2019) que

⁷ “[...] one must understand that what constitutes a “breathing space” varies depending on the sociolinguistic situation of the language and on the profile of the speaker. For a fluent speaker of a language with relative vitality such as Welsh, for instance, a Facebook group discussing grammatical features of Welsh through the medium of English may not be a breathing space at all, whereas a group with a Welsh-only policy may. And yet, an Italian language group discussing Calabrian Greko – such as the Facebook group called *To ddomadi greko – La settimana greka* – may well serve the function of a breathing space for young speakers acquiring the language” (Belmar; Glass, 2019, p. 14).

esses “espaços de respiro” dentro de ambientes digitais são estratégias desenvolvidas para propiciar a manutenção linguística e funcionam também como locais de manifestações linguístico-identitárias, uma vez que há o evidente posicionamento a favor do uso de uma língua em situação minoritária. (Mazzelli, 2022, p. 184)

Posto que os ambientes digitais propiciam práticas que transpõem fronteiras geográficas e temporais (Belmar; Glass, 2019), e pela ideia de que as línguas de maior prestígio social têm mais possibilidades de se fazerem presentes em ambientes digitais, (Kuzmin, 2020), entendemos que ao “escolher utilizar uma língua minoritária e/ou minorizada em um ambiente digital, o falante realiza uma manifestação linguístico-identitária de natureza política” (Mazzelli, 2022, p. 184). Retomando as reflexões iniciais acerca da condição de minorização da língua pomerana em contexto brasileiro, consideramos que as situações de opressão e de preconceito linguístico enfrentadas por comunidades pomeranas ao longo de sua existência no Brasil, determinam que todo ato em prol de seu uso, seja um ato de resistência, logo, um ato político. Com efeito, “manter em uso uma língua minorizada em ambientes digitais, tomados por línguas hegemônicas, torna-se uma ferramenta de luta contra o contexto de opressão no qual a língua está inserida” (Mazzelli, 2022, p. 21).

4. Páginas do *Facebook* e movimentos de resistência relacionados à língua pomerana

Em Mazzelli (2022), realizamos uma pesquisa qualitativa com base etnográfica⁸ ao analisar a língua pomerana em dois campos de investigação distintos: o município de Domingos Martins, localizado no ES, e dois diferentes tipos de ambientes *online*: páginas do *Facebook* e grupos de *WhatsApp* ligados à causa pomerana⁹. Para o presente artigo, selecionamos uma amostra do material colhido em páginas do *Facebook* durante de maio de 2020 a novembro de 2021 e a analisamos à luz dos estudos de Belmar e Glass (2019).

Para selecionar páginas do *Facebook* dedicadas à causa pomerana, inicialmente pesquisamos os seguintes termos no buscador da referida rede social: “língua pomerana”, “pomerano”, “pomerana”, “pomerisch” e “pomer”. Foram encontradas 49 páginas que, necessariamente, estavam relacionadas à língua e/ou à cultura pomeranas. As páginas cujas postagens fossem somente em língua portuguesa foram excluídas da seleção. Assim, chegamos ao total de 33 páginas públicas¹⁰ que produzissem e/ou divulgassem conteúdo em língua pomerana seja na modalidade escrita ou oral. Todas as publicações e comentários das páginas selecionadas foram sistematicamente monitorados até o final de novembro de 2021,

⁸ Para a discussão metodológica completa, Cf. Mazzelli, 2022, p. 185-230.

⁹ Entendemos como “causa pomerana”: “o propósito de defender a valorização e a manutenção de língua e cultura pomeranas” (Mazzelli, 2022, p. 32).

¹⁰ Utilizamos as *Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais*, publicadas em 2020 pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz). Foram analisados apenas as páginas que perfazem a condição de “páginas públicas da internet”, isto é, apresentam conteúdo público, o qual pode ser acessado por qualquer pessoa.

Língua pomerana e movimentos de resistência em ambientes digitais: páginas do Facebook como “espaços de respiro”

seguindo pressupostos metodológicos de Hine (2015), Barton (2013), Fragoso, Recuero e Amaral (2011) para pesquisas de base etnográfica em ambientes digitais.

Inicialmente, identificamos as temáticas predominantes ligadas à língua pomerana nas páginas analisadas. Assim, agrupamos as páginas seguindo seus principais temas de publicação: a) **Religioso:** A Bíblia em pomerano¹¹ e A bíblia em língua pomerana¹²; b) **Educacional:** *Pomerisch Schaul* – Resignificando a Língua Pomerana¹³, Língua pomerana – *Pomerisch språk*¹⁴, A língua pomerana além das fronteiras¹⁵, *Pomerisch Schauleiresch*¹⁶, *Oiwer dai Pomerisch Språk un Kultur*¹⁷ e Aprender Pomerano¹⁸; c) **Humorístico:** Pomeranos TV¹⁹ e Saga Pomerana²⁰; d) **Cultural:** Pomeranos no Brasil²¹, Pomeranos_es²², Pomerano para todos²³, Cultura Pomerana²⁴, Pomeranos do RS²⁵, *Pomerisch Kultur in Canguçu*²⁶, Pomeranos da Amazônia²⁷, APOVIP – Associação pomerana de Vila Pavão²⁸, APOP – Associação pomerana de Pancas²⁹, *Fritzadanz Dança dos pomeranos*³⁰, *PomerDanze* “Dança Pomerana”³¹ e Grupo Pomerano *Fauhån*³²; e) **Histórico:** Museu pomerano³³ e Pomeranos no vale

¹¹ Cf. <https://bit.ly/3Dd9SyA>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹² Cf. <https://bit.ly/3uqbJw2>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹³ Cf. <https://bit.ly/3qzwPqE>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹⁴ Cf. <https://bit.ly/36r2Day>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹⁵ Cf. <https://bit.ly/3IGGIsm>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹⁶ Cf. <https://bit.ly/3L8wGT0>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹⁷ Cf. <https://bit.ly/36IPA3T>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹⁸ Cf. <https://bit.ly/36QrDYj>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹⁹ Cf. <https://bit.ly/3IFxRrd>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²⁰ Cf. <https://bit.ly/3Limlno>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²¹ Cf. <https://bit.ly/3qA0PTu>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²² Cf. <https://bit.ly/3LgmLuK>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²³ Cf. <https://bit.ly/3tIx17y>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²⁴ Cf. <https://bit.ly/36tYQJq>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²⁵ Cf. <https://bit.ly/3NqJ3Mc>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²⁶ Cf. <https://bit.ly/3LdFTcI>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²⁷ Cf. <https://bit.ly/37WUsTv>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²⁸ Cf. <https://bit.ly/3IL2snk>. Acesso em: 14 jul. 2023.

²⁹ Cf. <https://bit.ly/35gxhTm>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³⁰ Cf. <https://bit.ly/3JJuYXU>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³¹ Cf. <https://bit.ly/3wFqduW>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³² Cf. <https://bit.ly/36QYAEg>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³³ Cf. <https://bit.ly/35gbwTI>. Acesso em: 14 jul. 2023.

européu³⁴; f) **Informacional, com notícias e entrevistas:** *Pomerisch Radio un TV*³⁵ e *Ümer Lustig* – Programa de Rádio em pomerano³⁶; g) **Musical:** Os tradicionais pomeranos³⁷, *Up pomerisch*³⁸, *Mensagens em pomerano*³⁹ e *Pomerana FM*⁴⁰.

Há ainda páginas em que não identificamos uma temática central, são elas: “Espírito Pomerano⁴¹”, “*Learn Pomerish - Lêr pomerisch - Ucz się pomorskiego plattu*⁴²” e “Pomeranos na estrada⁴³”. Apesar da maioria das páginas ser bem delimitada quanto sua temática dominante, verificamos assuntos diversos em suas publicações. Páginas que apresentavam conteúdo de notícias e entrevistas também publicavam postagens de conteúdo religioso, por exemplo. O intuito de realizar essa categorização foi apenas de compreender melhor como as páginas ligadas à causa pomerana estão organizadas. Futuramente, novas pesquisas podem se dedicar a analisar cada temática de maneira mais aprofundada.

O local físico de criação das páginas analisadas também foi um ponto da investigação. Apesar dos ambientes digitais transporem fronteiras geográficas (Belmar; Glass, 2019), a identificação do local de origem dessas páginas pode oferecer informações sobre onde os movimentos de resistência estão mais atuantes. Constatamos páginas do ES originadas nos municípios de Vitória, Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins, Vila Pavão e Pancas; Do RS detectamos páginas de São Lourenço do Sul e Canguçu; de SC identificamos uma página de Pomerode e de RO uma página de Espigão do Oeste. Constatamos também uma página fora do Brasil na localidade de Złocieniec, na Polônia. Cinco páginas não apresentavam a informação da localidade de origem e ao tentar contato com seus administradores, não obtivemos resposta. (Mazzelli, 2022, p. 412-415).

A partir da análise das páginas do *Facebook* selecionadas para a pesquisa, observamos intenso engajamento da comunidade pomerana em manter em uso sua língua. Notamos a recorrente divulgação de outras páginas e canais de diferentes plataformas digitais, como páginas do *Instagram* e canais do *YouTube*, em abordagens colaborativas, com o objetivo de fazer com que o conteúdo em língua pomerana circulasse entre os falantes. A fim de exemplificar ações como essas, a figura abaixo, retirada da página “Espírito Pomerano”, compartilha o endereço eletrônico de um vídeo na plataforma *YouTube* em língua pomerana relacionada ao projeto “Pomeranos na Estrada”.

³⁴ Cf. <https://bit.ly/3qEd3Kx>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³⁵ Cf. <https://bit.ly/3NqAIIr>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³⁶ Cf. <https://bit.ly/3uuiIUS>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³⁷ Cf. <https://bit.ly/3tGzgcY>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³⁸ Cf. <https://bit.ly/3wBmbUh>. Acesso em: 14 jul. 2023.

³⁹ Cf. <https://bit.ly/3NqhQsQ>. Acesso em: 14 jul. 2023.

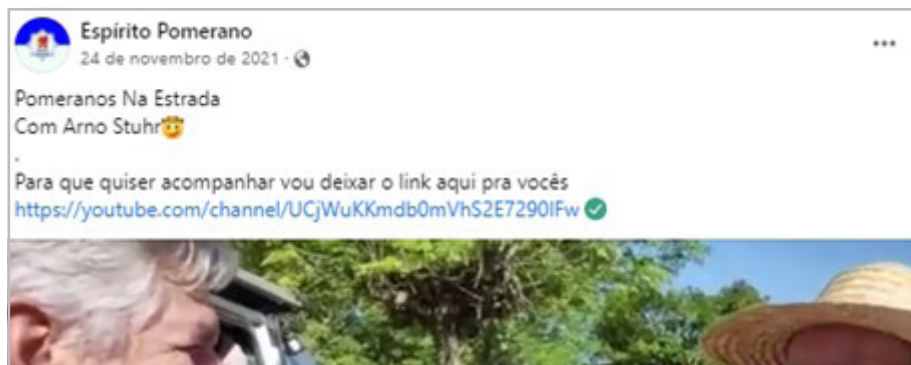
⁴⁰ Cf. <https://bit.ly/3NoxCV3>. Acesso em: 14 jul. 2023. Essa página refere-se a uma estação de rádio local e seu conteúdo é majoritariamente apresentado em português. No entanto, constatamos a presença da língua pomerana em publicações musicais.

⁴¹ Cf. <https://www.facebook.com/people/Esp%C3%ADrito-Pomerano/100044286051188/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁴² Cf. https://www.facebook.com/pomerisch/?locale=pt_BR. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁴³ Cf. <https://www.facebook.com/PomeranosNaEstrada/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Figura 1: Divulgação entre páginas de conteúdo em pomerano

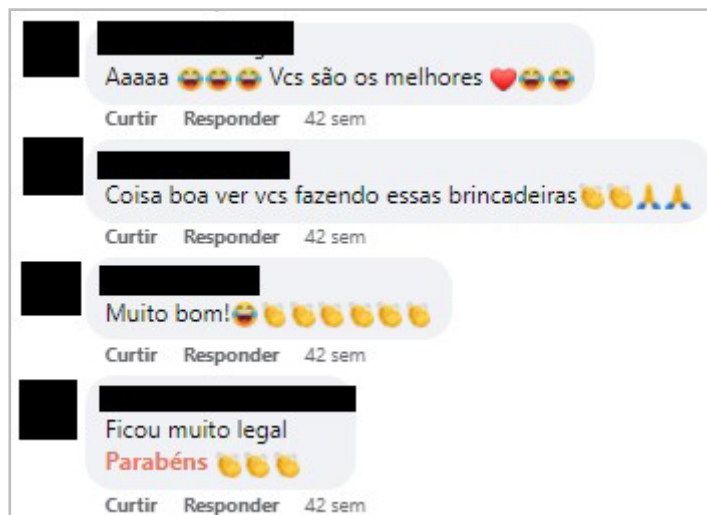


Fonte: Retirado da página “Espírito Pomerano”.

Na figura 1, observa-se o uso escrito da língua portuguesa na divulgação do vídeo. No decorrer da pesquisa, notamos que a maior parte do conteúdo apresentado em modalidade escrita, em postagens ou em comentários, era feita em língua portuguesa. Esse fato está em concordância com o que Belmar e Glass (2019) pontuam acerca da preferência pelo uso da língua majoritária em um ambiente digital. Os autores apontam que essas ocorrências podem estar relacionadas a uma estratégia de audiência, como forma de fazer com que a mensagem atinja um maior número possível de pessoas possíveis, embora as forças de poder ligadas às línguas hegemônicas também desempenham seu fator significativo em ambientes digitais, assim como discutido em Mazzelli (2022). Apesar disso, cabe ressaltar que identificamos a presença de conteúdo escrito em pomerano em 26 das 33 páginas analisadas.

Em relação às postagens feitas nas publicações em língua pomerana, identificamos que os comentários positivos eram unânimes. A seguir, selecionamos algumas dessas reações relacionadas a um vídeo de humor em língua pomerana retirados da página “Pomeranos TV”⁴⁴, que produz e compartilha vídeos predominantemente humorísticos em pomerano. Nota-se que esses comentários são feitos em língua portuguesa.

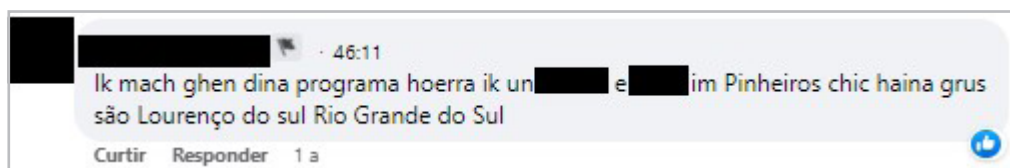
⁴⁴ Cf. https://www.facebook.com/PomeranosTv/?locale=pt_BR. Acesso em: 14 jul. 2023.

Figura 2: Comentários em português reagindo a uma publicação em pomerano

Fonte: Comentários retirados de publicação da página “Pomeranos TV”

Conforme Belmar e Glass (2019) apontam, a preferência pelo uso da língua majoritária, nesse caso o português, em ambientes digitais dedicados à promoção de uma língua minoritária, deve servir de alerta para as ações vinculadas à promoção do uso da língua minorizada em ambientes digitais. Segundo os autores, essas ações podem, mesmo que não intencionalmente, promover o apagamento do uso da língua minorizada nesses ambientes.

Ainda que haja a significativa ocorrência da língua portuguesa em conteúdos apresentados na modalidade escrita nas páginas analisadas, consideramos pertinente destacar exemplos de manifestações escritas em língua pomerana. Abaixo, selecionamos um comentário que não utiliza a ortografia proposta por Tressmann (2006), retirado de uma *live* do programa de rádio em língua pomerana *Ümer Lustig*, o qual é transmitido ao vivo por sua página do *Facebook*⁴⁵.

Figura 3: Comentários em pomerano reagindo a uma publicação também em pomerano

Fonte: Comentário retirado de publicação página “Arno Stuhr do Ümer Lustig”.

Ainda sobre ocorrências da língua pomerana na modalidade escrita, destacamos a página “*Oiwer dai Pomerisch Språk un Kultur*”, cujas publicações são majoritariamente em língua pomerana ou bilíngues (pomerano e português). A página apresenta conteúdo educativo e também religioso,

⁴⁵ Atualmente, a página que tinha por nome de “*Ümer Lustig*” à época do desenvolvimento da Tese mudou para “Arno Stuhr do Ümer Lustig”. Cf. <https://www.facebook.com/people/Arno-Stuhr-do-%C3%9Cmer-Lustig/100055116435991/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Língua pomerana e movimentos de resistência em ambientes digitais: páginas do Facebook como “espaços de respiro”

segundo a proposta ortográfica de Tressmann (2006). Abaixo, elencamos uma publicação da referida página, que apresenta um *link* para um vídeo do canal do *YouTube* de Josiane Arnholz-Plaster, mesma administradora de *Oiwer dai Pomerisch Språk un Kultur*⁴⁶.

Figura 4: Publicação bilíngue em página do *Facebook*



Fonte: Retirado da página “*Oiwer dai Pomerisch Språk un Kultur*”.

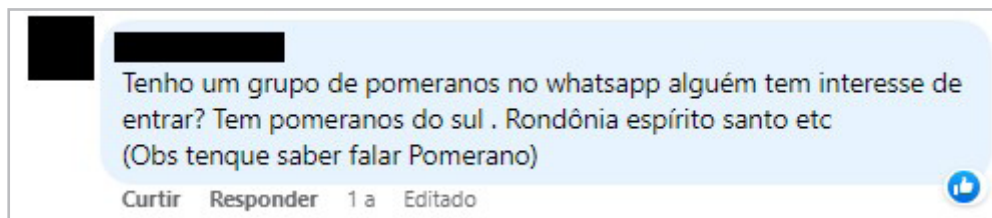
Como discutido anteriormente, ambientes digitais são locais em que comumente ocorrem práticas translíngues. No entanto, ainda que o translanguismo seja comum em ambientes acessados por meio da internet, o uso de línguas majoritárias tende a se sobrepor ao uso das línguas minorizadas, uma vez que as forças de poder favorecem a utilização das línguas de maior prestígio nesses espaços. Nesse contexto, o uso de uma língua minorizada representa não somente manifestações linguístico-identitárias, mas também um ato de resistência, “pois se trata de uma das frentes de luta dos falantes por espaço em um terreno de constantes disputas.” (Mazzelli, 2022, p. 332).

Também discutimos em Mazzelli (2022) a intensa interconexão de distintos ambientes digitais. Era frequente encontrar publicações de páginas do *Facebook* divulgando grupos de *WhatsApp* ligados à causa pomerana ou páginas do *Instagram* anunciando canais no *Youtube*. Essas interconexões

⁴⁶ Cf. <https://www.facebook.com/profile.php?id=100064970740168&mibextid=LQJ4d>. Acesso em: 14 jul. 2023.

favorecem a “ampliação de acesso a locais em que a língua é usada e/ou é tema de discussões.” (Mazzelli, 2022, p. 332). Para exemplificar, destacamos abaixo um comentário retirado da página “Pomeranos TV” divulgando um grupo de *WhatsApp* para falantes de pomerano:

Figura 5: Comentários sobre grupo de pomeranos no *WhatsApp*

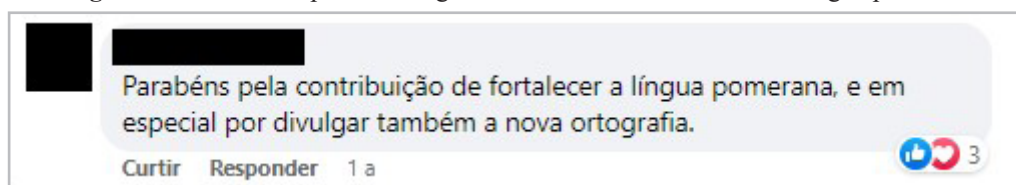


Fonte: Comentário retirado de publicação da página “Pomeranos TV”.

Ao analisar as descrições das páginas selecionadas, observamos que a grande maioria delas destaca a valorização cultural e linguística pomerana e também enuncia a condição de “língua” ao pomerano, relevante no que diz respeito aos processos históricos que ligavam o pomerano à qualidade de “dialeto”. Além disso, entender a língua em situação de minorização como uma “língua” e não como um “dialeto” é um dos quatro pontos destacados por Belmar e Glass (2019) que podem ajudar na caracterização de um “espaço de respiro”. É importante mencionar que defendemos a qualidade de “língua” de base germânica ao pomerano e sustentamos essa posição no quinto capítulo de nossa Tese de Doutorado (Mazzelli, 2022).

Não encontramos, nas páginas analisadas, a ocorrência de debates relacionados ao uso da língua pomerana. No entanto, observamos diversos comentários em reação às publicações com manifestações positivas em torno da língua e do seu uso. Elencamos como exemplo um comentário em uma postagem em pomerano relacionada a um conteúdo de cunho educacional retirado da página “Aprender pomerano”.

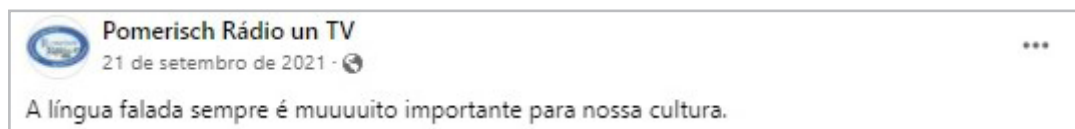
Figura 6: Comentário positivo reagindo a conteúdo educacional em língua pomerana



Fonte: Comentário retirado da página “Aprender pomerano”.

As atitudes positivas em torno do uso do pomerano em ambientes digitais também podem ser observadas *em publicação na página “Pomerisch Rádio un TV”*. A descrição da postagem refere-se a um vídeo de uma criança falando pomerano.

Figura 7: Publicação sobre importância da língua falada



Fonte: Retirado da página “Pomerisch Rádio un TV”.

No decorrer do monitoramento das páginas, constatamos o compartilhamento de vídeos de crianças de diferentes faixas etárias falando pomerano sobre diversos temas, tais como natureza, aulas de pomerano na escola, colheita de legumes, histórias infantis e condições meteorológicas. Publicações assim recebiam comentários positivos e elogiosos. Além disso, também identificamos *relatos* pessoais em comentários reagindo a essas postagens. Nos comentários, constatamos pessoas parabenizando a família da criança por ter transmitido a língua ou relatos de falantes que também se comunicavam em pomerano com seus filhos e netos. Os comentários indicam que a divulgação de vídeos de crianças e adolescentes falando pomerano pode servir como um agente motivador às famílias pomeranas a transmitirem e/ou incentivarem as crianças a falarem o pomerano. Cabe ressaltar que a transmissão intergeracional de uma língua minoritária é de extrema importância para sua manutenção, sendo ela um dos nove fatores de vitalidade linguística da Unesco (2009).

A análise das páginas indica que esses ambientes digitais funcionam como um espaço colaborativo da comunidade pomerana e promovem a difusão de diferentes tipos materiais na língua, facilitando o acesso a esse conteúdo. Embora o material analisado não tenha apresentado nenhuma discussão entre os falantes sobre o uso da língua, constatamos a intensa divulgação de grupos de *WhatsApp* e *lives* de *YouTube*, locais em que o debate sobre a e/ou na língua pode ocorrer. A constatação de que há páginas desse tipo criadas em diferentes localidades do Brasil e a condição dos ambientes digitais de transpor fronteiras temporais e geográficas também são fatores relevantes para uma comunidade que fala uma língua minoritária/minorizada. Os ambientes digitais podem ajudar a fortalecer o elo da comunidade que se identifica como pomerana ao propiciar diferentes formas de interação, além de possibilitar a produção e a difusão de materiais produzidos na língua.

Em relação à caracterização como “espaços de respiro”, a análise das páginas do *Facebook* ligadas à causa pomerana evidencia que esses locais não abarcam necessariamente, de maneira uniforme, todos os quatro pontos destacados por Belmar e Glass (2019). Cada página apresenta características próprias quanto ao uso e à frequência do uso do pomerano. De maneira geral, não identificamos a ocorrência de páginas em que somente a língua pomerana era utilizada em todas as publicações e em todos os comentários. Contudo, ao quantificar as publicações, verificamos diversas páginas em que as publicações eram feitas majoritariamente em pomerano em relação ao português. Como exemplo, citamos as páginas de conteúdo religioso “A Bíblia em pomerano” e “A bíblia em língua pomerana” tal como a página de conteúdo educacional “*Oiwer dai Pomerisch Språk un Kultur*”.

Embora não tenhamos identificado debates entre os participantes das páginas sobre a língua (seu contexto sociolinguístico, gramática, léxico etc.), constatamos, ao longo da análise, diferentes publicações mencionando a importância do uso do pomerano para a comunidade pomerana, assim como exemplificado nas figuras 6 e 7. Cabe ainda destacar a observância de publicações tratando o pomerano como língua, perfazendo o último ponto dos critérios delimitados pelos pesquisadores: “O *status* da língua minoritária como língua (em vez de dialeto) não é contestado” (Belmar; Glass, 2019, p. 14). Assim como debatido em Mazzelli (2022), entender o pomerano como uma língua e não como um dialeto é ainda um fato polêmico na comunidade pomerana, o que acende a defesa de questões linguístico-identitárias nesses ambientes.

Ainda que as páginas do *Facebook* aqui analisadas não compreendam de forma estrita os pontos destacados por Belmar e Glass (2019), os mesmos autores lembram que esses critérios não são estanques e as realidades sociolinguísticas das minorias linguísticas variam e são relativas no que diz respeito aos múltiplos contextos sociolinguísticos. Retomando as reflexões acerca da condição de minorização da língua pomerana em contexto brasileiro, consideramos que as condições de opressão e de preconceito linguístico enfrentadas por comunidades pomeranas ao longo de sua existência no Brasil determinam que todo ato em prol de seu uso seja um ato de resistência e, portanto, um ato político. Com efeito, “manter em uso uma língua minorizada em ambientes digitais, tomados por línguas hegemônicas, torna-se uma ferramenta de luta contra o contexto de opressão no qual a língua está inserida” (Mazzelli, 2022, p. 21). Logo, a partir de um contexto sócio-histórico de opressão e violência linguística sofrido pelos falantes de pomerano, e da insurgência de movimentos e estratégias populares que buscam valorizar a língua pomerana em ambientes digitais, entendemos que páginas do *Facebook* ligadas à causa pomerana aqui analisadas perfazem o que Belmar e Glass (2019) chamam de “espaço de respiro”, pois, assim como os autores defendem, esses espaços não precisam cumprir com todos os quatro requisitos para serem assim caracterizados. Para os autores, os espaços de respiro precisam essencialmente encorajar o uso da língua, de forma explícita ou implícita, fato observado em todas as páginas elencadas para a análise.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, discutimos os movimentos de resistência relacionados à língua pomerana em ambientes digitais, mais precisamente em páginas do *Facebook* ligadas à causa pomerana. Acerca da presença da língua pomerana nesses espaços, constatamos diferentes tipos de materiais digitais sendo produzidos e compartilhados em língua pomerana, tanto na modalidade escrita, como comentários em publicações, quanto na modalidade oral, em vídeos. Observamos que os comentários referentes às publicações em língua pomerana são todos positivos quanto ao uso linguístico, o que pode ser favorável à valorização linguístico-identitária da língua. Pesquisas anteriores (Mazzelli, 2018; Bremenkamp, 2014; Küster, 2015; Tressmann, 2005) já discutiram as diferentes formas de preconceito linguístico sofridas por falantes de pomerano no Brasil e o estigma negativo atribuído à língua. Com

Língua pomerana e movimentos de resistência em ambientes digitais: páginas do Facebook como “espaços de respiro”

o uso da língua em ambientes digitais reforçado por comentários positivos, os falantes mais jovens, que têm mais contato com espaços acessados pela internet, podem se sentir mais motivados a usarem a língua, o que pode contribuir como uma das diversas estratégias para a manutenção da língua.

Acreditamos, assim como Belmar e Glass (2019), que os ambientes digitais podem fornecer ferramentas adequadas para ajudar a empoderar uma língua em situação de minorização. Contudo, essas ferramentas não devem ser usadas como únicas estratégias de salvaguarda de uma língua, ausentando os governos de suas responsabilidades para com as minorias linguísticas. Além disso, reforçamos a importância de se discutir academicamente a presença de minorias linguísticas em ambientes digitais, uma vez que esses ambientes são novos cenários para os movimentos de resistência linguística na luta por direitos linguísticos.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BAHIA, Joana. *O tiro da bruxa: Identidade, Magia e religião entre os camponeses pomeranos do estado do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- BARTON, David. Ethnographic Approaches to Literacy Research. In: CHAPELLE, A. Carol. (org.) *The Encyclopedia of Applied Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2013.
- BELMAR, Guillem. GLASS, Meggie. Virtual communities as breathing spaces for minority languages: Re-framing minority language use in social media. *Adeptus*, n. 14, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/35hsfCw>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- BLOMMAERT, Jan. Formatting online actions: #justsaying on Twitter. *International Journal of Multilingualism*, v. 16, n. 2, 2019, pp. 112-126.
- BRASIL. Decreto n. 7387, de 9 de dezembro de 2010. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3ARpiXF>. Acesso em: 12 jul. 2023.
- BREMENKAMP, Elizana Schaffel. *Análise Sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- DETTMANN, Jandira Marquardt. *Práxis docente pomerana: cultura, língua e etnicidade*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.
- FISHMAN, Joshua. *Reversing language shift*. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.
- FOERSTE, Erineu. Povo Tradicional Pomerano e Interculturalidade: Apontamentos para Pesquisa. In: XIII Encontro de História Oral, 2016, Porto Alegre. *História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade*. Porto Alegre: UFRGS, 2016. v. 1. pp. 1-15.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

- HINE, Christine. *Ethnography for the Internet. Embedded, Embodied and Everyday*. London: Bloomsbury Academy, 2015.
- HITZ, Nilse Dockhorn, *Crenças linguísticas de descendentes de pomeranos em três localidades paranaenses*, 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.
- IPOL. *Línguas cooficializadas nos municípios brasileiros*. 2022. Disponível em: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- KÜSTER, Sintia Bausen. *Cultura e língua pomeranas: um estudo de caso em uma escola do ensino fundamental no município de Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo – Brasil*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- KUZMIN, Evgeny. Policies for preservation of indigenous languages: actors and responsibilities. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, pp. 238-264, 2020.
- KREUTZ, Lucio. A educação de imigrantes no Brasil. In: Lopes E; Faria Filho, L.; Veiga, C. (org.) *In: 500 anos de Educação no Brasil*. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 347-370.
- LAGARES, Xoán Carlos. *Qual política linguística? Desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018.
- LIMBERGER, Bernardo; BILHARVA-DA-SILVA, Felipe; GRIEP, Gabriela Wally; NETTO, Elizandra. Língua pomerana do Rio Grande do Sul: revisão de literatura. *SOCIODIALETO*, v. 12, pp. 1-36, 2021.
- MAZZELLI, Leticia. *Língua pomerana em ambientes digitais: efeitos glotopolíticos em Domingos Martins, Espírito Santo*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, 2022.
- MAZZELLI, Leticia. As políticas linguísticas monoglóssicas da Era Vargas: as proibições linguísticas em Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo. In: SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães, PEREIRA, Telma., GAIO, Mario. *Repertórios Plurilíngues em Situações de Contato*. Rio de Janeiro: Edições LCV: LABPEC, 2019. pp. 38-49.
- MAZZELLI, Leticia. *Ações glotopolíticas em Santa Maria de Jetibá - ES: em evidência a língua Pomerana*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- MORELLO, Rosângela. Uma política pública e participativa para as línguas brasileiras: sobre a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). *Gragoatá* v. 17, n. 32. pp. 32-42, 2012.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MAZZELLI, Leticia. A língua pomerana em percurso histórico brasileiro: uma variedade (neo)autóctone. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 18, n. 1, pp. 6-22, 2017.
- SEIBEL, Ivan. *Imigrante no século do isolamento: 1870-1970*. São Leopoldo: EST/PPG, 2010.
- SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*. São Paulo, [s.l.], n. 53, pp. 117-149, 2002.

Língua pomerana e movimentos de resistência em ambientes digitais: páginas do Facebook como “espaços de respiro”

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização. *In*: PANDOLFI, D. C. (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. pp. 199-228.

SKIDMORE, Thomas E., Racial ideas and social policy in Brazil, 1870-1940. *In*: GRAHAM, Richard (org.). *The idea of race in Latin America, 1870-1940*. Austin: University of Texas, 1997, pp. 7-36.

TRESSMANN, Ismael. Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português. Pomerisch Portugijsisch Wöirbauk. Santa Maria de Jetibá: Secretaria de Educação, 2006.

TRESSMANN, Ismael. Da sala de estar à sala de baile: estudo etnolingüístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

UNESCO. *Language Vitality and Endangerment*, Paris, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3rAKyLC>. Acesso em: 21 jan. 2020.

WAGEMANN, Ernst. *Die Deutschen Kolonisten im brasilianischen Staate Espirito Santo*. München und Leipzig: Ducken & Humboldt, 1915.